

A PERMANÊNCIA E O ABANDONO DA DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA SOB UMA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

IDENTITY PERSPECTIVES ON PERMANENCE OR ABANDONMENT
OF THE TEACHING PROFESSION IN MATHEMATICS

Mônica Lana da Paz*

Resumo

Neste artigo discutimos os resultados de uma pesquisa sobre a permanência e o abandono da docência em matemática, sob uma perspectiva da construção identitária dos sujeitos. Participaram desta pesquisa dois grupos de professores: um constituído por docentes que atuavam no magistério em escolas da Rede Pública Estadual de Belo Horizonte, e outro, formado por sujeitos que abandonaram a docência. A pesquisa foi qualitativa e, para a produção dos dados, empregou-se entrevista semiestruturada. Os motivos que justificaram a permanência na profissão docente foram: vocação profissional, dificuldade de idealizar novas perspectivas profissionais, conquista de uma posição profissional, garantia de estabilidade empregatícia e o exercício de uma atividade rentável. Para os ex-professores, o conflito entre as condições de trabalho a que estavam submetidos e a prática profissional que eles gostariam de ou acreditavam que deveriam exercer revelaram-se o principal motivo do abandono da docência.

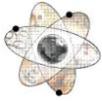
Palavras-chave: Identidade. Professor de Matemática. Permanência e abandono da docência em Matemática

Abstract

This paper discusses the results of a research study on remaining in or leaving the teaching profession in mathematics in the light of an identity formation perspective. Two group of teachers participated in the research: one formed by teachers who worked at schools of Belo Horizonte, and the other, constituted by teachers who had left the profession. The research was qualitative, consisting of semi-structured interviews. The reasons that justified remaining in the teaching profession were: professional vocation, difficulty of conceiving of alternative professional perspectives, achievement of a favorable work situation and the exercise of a rewarding activity. For the former teachers, the conflict between the conditions of work to which they were submitted and the professional practice which they would like to or believed that should exercise were revealed as the main motive for leaving the profession.

Keywords: Identity. Mathematics teacher. Permanence and abandonment of the teaching profession in Mathematics

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Diretora de Planejamento e Desenvolvimento Educacional do IFMG. E-mail: monica.lana@ifmg.edu.br



Introdução

O interesse em estudos sobre identidade no contexto de desenvolvimento profissional de professores de Matemática tem aumentado significativamente. Fiorentini (2008), por exemplo, estudou o impacto de políticas públicas brasileiras nas frentes de trabalho da profissão docente, mostrando como as novas exigências dessas políticas comprometem a construção da identidade do professor de Matemática. Walshaw (2004) trabalha com a ideia de como o processo de formação para a docência configura a construção da identidade profissional. Para Ponte (1995), a maneira como o professor se envolve com a profissão é um elemento condicionante da sua identidade como docente. Brown & McNamara (2011) abordaram o desenvolvimento de professores de Matemática em formação e a construção de suas identidades profissionais, considerando as implicações desses processos em suas práticas de ensino. Adotando uma perspectiva sociológica, Lerman (2012) mostrou que indivíduos que escolheram ser professores de Matemática foram capazes de exibir gerenciamento (*agency*) e mudança na direção de sua vida, apesar de advirem de contextos familiares em desvantagem social. Frade e Meira (2010) promovem ainda uma interessante discussão na qual destacam o papel conferido ao afeto no processo de construção da identidade profissional do professor de Matemática. Um ponto comum em todos esses estudos é a tentativa de união entre elementos individuais e sociais na composição da identidade profissional do professor de Matemática. Enfim, no campo da Educação Matemática encontramos estudos sobre a construção da identidade sob diferentes focos e perspectivas teóricas.

Aqui trago outra contribuição para pesquisa em Educação Matemática ao apresentar a investigação realizada sobre a permanência e o abandono da docência em matemática, sob uma perspectiva da construção da identidade profissional. O que se pode dizer sobre a manifestação das múltiplas identidades dos professores, nas decisões pelo abandono ou



permanência na profissão docente? Toma-se como principal orientação teórica as contribuições de Gee (2000) sobre identidade segundo a qual “as pessoas possuem múltiplas identidades conectadas não aos seus “estados internos”, mas aos seus desempenhos na sociedade” (Gee, 2000, p.99). A pesquisa foi qualitativa e, para a produção dos dados, empregou-se a entrevista semiestruturada. Participaram desta pesquisa dois grupos de professores de Matemática: um constituído por nove docentes que atuavam no magistério em escolas da Rede Pública Estadual de Belo Horizonte e outro, formado por onze sujeitos que abandonaram a docência.

A seguir, apresento a discussão teórica que fundamentou a investigação. Em seguida, descrevo a trajetória metodológica da pesquisa. As histórias e experiências dos sujeitos-participantes, em termos do abandono e da permanência na docência em matemática, são analisadas e interpretadas a partir de um mapeamento dos tipos de identidade propostos por Gee(2000). Por fim, apresento as considerações finais resultantes da investigação.

O conceito de identidade: ser reconhecido como um certo tipo de pessoa

Gee (2000) desenvolve seu conceito de identidade com base em quatro perspectivas que permitem compreender o que é ser reconhecido como *certo tipo de pessoa* em determinados contextos. Essas quatro perspectivas são: *Identidade Natural (Identidade – N)* identificada como estado (Natureza–biológica); *Identidade Institucional (Identidade–I)* identificada como posição institucional; *Identidade Discursiva (Identidade – D)* identificada como características individuais, mas construídas socialmente, e *Identidade de Afinidade (Identidade – A)* identificada a partir das experiências vivenciadas em *grupos de afinidade*. O pesquisador chama a atenção ressaltando que essas quatro perspectivas não são separadas umas das outras. Entretanto, ele argumenta que é possível questionar, considerando um determinado contexto, se existe a predominância de uma das



perspectivas e a justificativa para tal predominância. Cada uma das perspectivas que ele apresenta para tratar a identidade é uma maneira de visualizar aspectos distintos de como as identidades são construídas e sustentadas. Para Gee (2000), na medida em que os indivíduos estão inseridos em ou participam de diversos contextos da sociedade, eles apresentam múltiplas identidades. Essas múltiplas identidades são produtos das experiências que esses indivíduos vivenciam nesses contextos sociais.

Por *Identidade Natural*, Gee (2000) quer dizer que o indivíduo assume, em grande parte, seu modo de ser em virtude de sua natureza biológica. Contudo ele chama a atenção para o fato de que os aspectos biológicos não são fatores únicos que definem o tipo de pessoa que um indivíduo representa na sociedade. Para Gee (2000), a *Identidade Institucional* leva em conta que o papel que o indivíduo ocupa na sociedade é preponderante na forma como esse indivíduo é reconhecido socialmente. Por trás dessa posição estão as regras, estatutos, enfim, tudo aquilo que institucionalmente rege e determina sua maneira de se posicionar diante do papel social a que está vinculado. Ainda, para Gee (2000), a *Identidade – I* pode ser reconhecida como uma imposição ao indivíduo ou uma vocação¹. A terceira perspectiva de identidade apresentada por Gee (2000), *Identidade Discursiva*, é caracterizada em termos das relações estabelecidas com outras pessoas. O que sustenta a *Identidade – D* são as *pessoas racionais*: pessoas que se relacionam, interagem e se representam a partir do discurso. Gee (2000) destaca que a sustentação da identidade ocorre a partir do discurso. Por sua vez, os discursos são considerados resultados de um processo social. São justamente os discursos que atuam nos distintos papéis que os indivíduos assumem na sociedade, possibilitando

¹Interesses específicos que determinam a escolha profissional. Não há qualquer menção de relacionar a profissão docente como um chamado divino de forma a preterir a profissionalização e, muito menos, associar a escolha pela profissão às características inatas ao sujeito.



a escolha de pertencimento a determinados grupos sociais.²As pessoas não necessitam sustentar identidades por meio de autoridades institucionais, uma vez que tal sustentação pode ocorrer a partir do discurso e diálogo (GEE, 2000). Já as instituições, por sua vez, carecem de práticas discursivas na sustentação de *Identidades – I*. Por fim, Gee (2000) se refere à *Identidade de Afinidade*. Neste caso, a identidade é articulada àquilo que causa prazer e satisfação: o indivíduo pode assumir determinado papel na sociedade a partir da afinidade construída com determinados grupos que o atraem por compartilharem interesses comuns.

Consideramos como aspecto primordial na construção da identidade as demandas sociais que fazem parte dos diversos contextos dos quais os professores de Matemática participam e, por fim, como tais demandas estruturam suas identidades. O abandono e permanência da docência podem levar em conta associações entre as *Identidade – N*, *Identidade – I*, *Identidade – D* e *Identidade – A*, ou mesmo a preponderância de uma (ou mais) delas. O processo de escolha pela profissão docente até o momento do exercício profissional carrega elementos variados, que vão continuamente participar da construção da identidade do professor de Matemática. Ele não pode ignorar a sua *natureza*, assim como também não pode desconsiderar os aspectos biológicos que fazem parte de sua identidade e também não é possível desconsiderar a sua posição institucional. O professor de Matemática não constrói a sua identidade sem levar em conta seu *Discurso* e o *Discurso* dos outros. Ele pode ser reconhecido como um bom professor, exigente ou maluco, dentre tantos outros estigmas sociais atribuídos ao professor de Matemática. Tudo isso constitui elementos que influenciam sua identidade profissional.

²O termo discurso, tal como usado acima, corresponde ao *Discurso* de Gee (2000). Gee (2000) estabelece uma distinção entre discurso (letra minúscula “d”) e Discursos (letra maiúscula “D”). Para ele, o *discurso* é uma representação do diálogo via linguagem oral ou escrita. Os *Discursos*, além de compreenderem a linguagem, se configuram nos modos de ser um *determinado tipo de pessoa*. Para o autor, cada pessoa tem diversas formas de se representar a partir do *Discurso*, e tais representações se configuram em múltiplas identidades.



Metodologia de pesquisa

Participaram desta pesquisa dois grupos de professores de Matemática: um constituído por nove docentes que atuavam no magistério em escolas da rede pública estadual de Belo Horizonte, e outro, composto de onze sujeitos que abandonaram a docência.

Como recurso de produção dos dados, foi empregada a entrevista de tipo qualitativo semiestruturada, por entender que por meio da entrevista poderia não só capturar as descrições que os professores deram de si mesmos e de suas realidades, como também indicações de representações de outros sobre eles e de suas interações nas práticas profissionais.

A escolha de professores da rede pública estadual em Belo Horizonte deveu-se ao fato de que as condições de trabalho nessa rede eram insatisfatórias, por exemplo, em relação às discrepâncias salariais, se comparadas à rede pública municipal de ensino. Ainda há aqueles que permaneceram na profissão, mesmo diante das condições precárias de trabalho e salariais a que eram submetidos. Feita essa escolha, foram selecionadas duas escolas da rede estadual que contemplavam realidades de trabalho distintas. A escola *A* localiza-se na periferia de Belo Horizonte e apresentava problemas de violência, além da grande rotatividade de professores. Fundada há 83 anos, a escola *B* apresentava boas referências sociais, no sentido de que não eram registrados casos agravantes de violência e seu corpo docente era constituído de professores efetivos. Nessas escolas obtive informações sobre professores de Matemática que haviam abandonado a docência e, também, entre os meus colegas que comigo fizeram o Curso de Licenciatura em Matemática. Após estabelecer contato, onze ex-professores concordaram em conceder entrevistas.

Nos relatos dos entrevistados emergiram suas lembranças, suas histórias atuais e perspectivas futuras. Tratei tais relatos como narrati-



vas. Passado e presente apareceram interligados com projeções futuras, sinalizando os caminhos que levaram à permanência ou abandono da docência. Eles ficaram livres para dialogar e, dessa forma, as entrevistas proporcionaram o resgate da memória, contando partes de suas histórias de vida, que foram reveladoras da trajetória de suas escolhas profissionais. “A memória tem a forma de uma narração desde um ponto passado até o presente em função de um ponto de vista que se faz significativo” (LARROSA, 2004, p. 16).

Mapeamento das identidades manifestadas na permanência e no abandono da docência

Nesta seção apresento uma análise e discussão geral dos dados, sinalizando os tipos/perspectivas predominantes de identidades elencados por Gee (2000): *Identidade Natural*, *Identidade Institucional* e *Identidade Discursiva* (o tipo *Identidade de Afinidade* não foi identificado nas entrevistas). Como nesta pesquisa não observei os participantes em interações em suas práticas profissionais, tomo, como evidência de manifestação da *Identidade Discursiva*, indicações dos participantes de como acreditavam ser ou gostariam de ser reconhecidos na profissão e/ou em seus ambientes de trabalho, ou indicações de como conduziam ou gostariam de conduzir a sua prática.

A manifestação de identidades na permanência na docência

Ana, David, Laura e Wagner³ eram docentes na instituição A. Augusta, Michele, Nair, Paula e Lílian lecionavam na escola B. Em relação à formação para a docência, prevaleceu, no grupo em questão, o Curso de Licenciatura em Matemática. Dentre esse grupo de professores, cinco deles haviam cursado Especialização *Lato Sensu* com foco no ensino de matemática. Quanto ao vínculo profissional, o grupo apresentava seis pro-

³ Utilizamos pseudônimos para os professores, no intuito de preservar sua identidade.



fessores efetivos (concursados) na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. Os demais foram contratados por meio de um processo de designação⁴ para lecionar. O tempo de experiência profissional desses professores era heterogêneo, compreendendo desde professores que estavam em início de carreira até a fase da aposentadoria. Também era um grupo de faixa etária diversificada, variando de 26 a 50anos.

A manifestação da identidade institucional predominou no relato desse grupo de nove professores, ao falarem de suas escolhas pelo Curso de Licenciatura em Matemática. Isso quer dizer que a busca por uma posição social sustentada institucionalmente, mesmo ocorrendo de maneira diversificada entre eles, foi o principal fator que os influenciou na escolha profissional. Somente nos casos de Nair, Ana e Michele, constatou-se, com firmeza, o desejo em construir uma identidade institucional como professoras por vocação, sendo que, para Michele, tal vocação se aliou a uma necessidade de aprender "mais" matemática. Paula foi a única que manifestou a influência de uma possível identidade natural em sua escolha profissional. Ela fez até o terceiro ano do Curso de Arquitetura, quando enfrentou problemas com as práticas específicas do curso, na medida em que ela parece não conceber a criatividade como algo que possa ser desenvolvido, mas, sim, como uma característica inerente (biológica) de um indivíduo e, portanto, decidiu ingressar no Curso de Licenciatura em Matemática. Nos demais casos, o tipo de identidade institucional mostrou ter sido construído em função de conveniência ou de circunstâncias a que os professores estavam submetidos em certo momento de sua vida.

De modo geral, o grupo dos nove professores, que permanecia na docência na época da pesquisa, ingressou na carreira docente com o objetivo de fazer o melhor trabalho possível, mesmo que a docência não tenha sido a profissão almejada inicialmente.

⁴ Esse processo refere-se ao preenchimento de vagas temporárias para professores de Matemática.



O prazer em relação ao trabalho pareceu ser o principal fator de motivação para a permanência de Nair no magistério e as dificuldades que ela encontrou no exercício profissional não representavam problemas para a sua permanência na docência.

A dificuldade com a prática cotidiana em sala de aula era um dos aspectos, entre outros, que traziam desapontamentos para Ana com a profissão, desenhando um cenário de insatisfação com o trabalho. Para Ana, a realidade do trabalho cotidiano e a realidade idealizada não estavam em consonância. As dificuldades que ela vivenciou no contexto escolar a levaram a momentos de frustração e dúvidas entre a permanência e o abandono da docência. Ainda assim, ela reforçou sua identidade institucional de professora, dizendo: “É a profissão que eu quis para mim. Hoje em dia minha profissão é essa. Eu já pensei em mudar!” O abandono da docência representaria a perda de uma etapa de sua vida; o desmantelamento de parte de uma identidade já desenvolvida.

Como Ana, Augusta também demonstrou insatisfação com a profissão docente: “Eu acho que hoje o que me mantém aqui é a falta de opção, de não enxergar uma outra coisa para fazer”. A narrativa de Augusta deixou transparecer a sensação de impotência na busca por realização profissional e mostra um conflito entre as circunstâncias que deveriam sustentar sua identidade institucional e sua identidade discursiva. Todas essas forças institucionais que sustentavam a posição de Augusta como professora não eram compatíveis com a forma como ela acreditava que deveria desenvolver o seu trabalho. Augusta mencionou, com orgulho, que sua prática com o ensino de matemática era teórica, apoiada no seu caráter rígido como professora, ao dizer que era “uma professora extremamente teórica e rígida.” Ao declarar isso, Augusta destaca um aspecto de sua identidade discursiva, mostrando a imagem que ela criava de si como professora. Augusta revelou que não conseguia pensar em outra trajetória profissional depois de tanto tempo de dedicação ao magistério e, por isso, permanecia na docência.

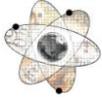


Michele acreditava que o modo com o qual ela desempenhava a atividade docente estava em oposição aos princípios que regiam o sistema educacional, mostrando também a existência de conflitos entre suas identidades institucional e discursiva. A desvalorização profissional associada aos baixos salários e a falta de participação dos pais na educação dos filhos eram os principais problemas que Michele encontrava na atividade docente. Michele estava prestes a se aposentar e se questionava sobre a realização profissional na docência: “Quando você chega aos 27 anos de trabalho, você vê assim: em que eu subi? Será que eu realizei alguma coisa?” Mesmo diante dos problemas vivenciados na profissão, ela encontrou sustentação para sua permanência na docência na relação estabelecida com o trabalho: “É o gostar. Não tem outra coisa. A gente gosta demais de trabalhar com essa área e gostamos muito do nosso aluno” (reforçando sua identidade institucional como professora por vocação). No entanto, expressou que terminava a carreira docente desiludida. “Eu não acredito mais em você ter um salário digno, uma proposta digna de uma escola de quando eu comecei”.

Laura também demonstrou existência de conflitos entre suas identidades institucional e discursiva, ao indicar que as regras e circunstâncias institucionais a impediam de realizar o que ela acreditava ser um bom trabalho em sala de aula. Vejamos o depoimento abaixo:

Igual eu falo que daqui uns tempos ninguém vai querer mais fazer curso de licenciatura. Os alunos é que mandam dentro de sala. O governo deu liberdade para isso. O aluno fala assim: eu não vou fazer nada e no final do ano você não pode me dar bomba. (Laura).

Laura ainda mencionou que o principal problema encontrado em sua prática de sala de aula consistia no despertar de interesse dos alunos pela aprendizagem. Segundo Laura, a indisciplina em sala de aula era uma situação angustiante devido a sua impotência de agir como autori-



dade para restabelecer a ordem. Laura evidenciou que tais conflitos resultavam em uma desestabilização de sua identidade institucional como professora e ocorriam porque a escola em que lecionava tinha um histórico de violência. Segundo ela, qualquer contrariedade aos alunos poderia comprometer sua segurança: “Você não pode chamar a atenção. É você dando aula e eles saindo da sala e voltando. Aí eles falam assim com você: eu é que mando aqui nessa escola, te intimidando.” Manifestando sua identidade discursiva, Laura declarou que seu jeito de ser professora incluía atitudes que ela julgava serem fundamentais para conquistar os alunos:

Eu gosto que os alunos participem. Se você procurar os alunos que são meus, todo mundo me adora. (...) Porque todo dia eu chego, cumprimento, converso com eles e estou sempre alegre. Eu quero incentivá-los a ter vontade de ver a matemática por outro lado. Porque eles acham que é o bicho-papão. (Laura).

Ao mesmo tempo em que Laura relatou sobre uma relação saudável com os alunos, ela reconheceu que enfrenta problemas e dificuldades na docência, o que a leva a pensar em desistir da profissão.

Eu não pretendo continuar. Então, a gente vê que tá dentro da sala de aula perdendo tempo, falando, falando e eles não estão interessados. Então, a gente já perde aquela vontade, aquele entusiasmo de sala de aula. Eu não tenho vontade de parar agora porque eu estou começando agora mesmo em sala de aula. (Laura).

Por outro lado, Laura mostra, na fala acima, que não gostaria de renunciar à sua posição profissional no início de sua carreira docente, mostrando que sua identidade institucional exercia forte influência para que ela permanecesse na profissão.



A realidade que Paula encontrou no contexto escolar não era condizente com a realidade que ela havia idealizado para o seu trabalho: “Depois que você entra no Estado, a realidade é outra. Então, você se decepciona. Você vê que não depende só de você para o menino ter o conhecimento.” Ao dizer que a aprendizagem do aluno não dependia somente de sua prática, ela sugere a existência de um conflito entre suas identidades institucional e discursiva. Paula ainda destacou que o desinteresse dos alunos associado à falta de pré-requisitos em matemática dificultava o processo de ensino e aprendizagem. Ela construiu uma imagem de si como uma profissional que se envolvia com o trabalho e buscava resgatar o interesse dos alunos pela aprendizagem matemática. Paula achava que a infraestrutura escolar contribuía para que o ensino da matemática parecesse monótono e essa era sua explicação que esclarecia, pelo menos parcialmente, o porquê do desinteresse dos alunos em relação à disciplina.

Eu tento até passar um pouco mais de interesse, porque a matemática, na verdade, é uma matéria monótona. Eu enxergo assim, porque você não tem um laboratório de matemática, pelo menos no Estado não, que possa levar o menino. Você não tem nada prático que você possa mostrar. São raros os conteúdos práticos que você pode fazer uma brincadeira ou alguma coisa. (Paula).

Paula se apresentou como professora da seguinte maneira: “uma pessoa responsável, dedicada, que sonha ter um retorno em sala de aula. Quando eu falo retorno, não é financeiro, é retorno do conhecimento mesmo, é de ter o respeito e a educação dos alunos em sala de aula.” Tal declaração é uma manifestação de identidade discursiva. Contudo, Paula também mencionou a questão salarial como motivo de descontentamento:

Se eu quiser manter o padrão que eu sempre tive e ter uma vida realmente de qualidade, eu vou falar que o que eu ganho aqui não dá. Aí eu tenho que ficar igual louca, traba-

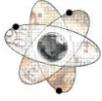


lhando com aula particular para tentar aumentar um pouco a renda. (Paula).

Diante da desilusão com o trabalho, Paula não pretendia seguir a carreira docente. Entretanto, ela vivenciava um conflito entre a permanência e o abandono da docência. Se, por um lado, ela não desejava seguir a carreira como professora na rede estadual de ensino, por outro, ela vivenciava a insegurança de romper com a docência sem ter outra atividade profissional. “Se eu tivesse que parar agora de dar aula, o que eu vou fazer? Eu não tenho ideia! Eu vou largar porque eu estou decepcionada, desiludida e vou fazer o quê?” A identidade institucional de Paula, como sustentação de uma posição profissional (professora de Matemática), exercia influência para que ela permanecesse na docência, sustentando uma posição profissional já conquistada.

David narrou um forte confronto entre o desejo de desenvolver um bom trabalho e a realidade do contexto escolar, marcada por vários problemas que destruíam suas expectativas profissionais, ou ainda, entre suas identidades institucional e discursiva. David manifestou insatisfação no trabalho em relação a regras que impediam a reprovação de alunos no ensino fundamental: “Se a pessoa não tem condição, eles não vão me fazer aprovar um aluno sabendo que ele não tem condição, mesmo que a legislação fala que eu tenho que passar o menino, eu não passo.” Tal atitude, segundo David, fazia com que ele fosse reconhecido na escola como um “carrasco”. As regras do sistema educacional eram contrárias aos princípios que norteavam o trabalho de David, favorecendo conflitos entre suas identidades institucional e discursiva. David mencionou que as dificuldades encontradas na atividade profissional incluíam vários aspectos.

A escola sempre propõe que a gente faça uma aula diferenciada, mas quando você precisa do recurso, você não tem recurso. Uma coisa que dificulta muito é a desorganização administrativa. Você não consegue trabalhar (*conflitos entre*



identidade institucional e identidade discursiva), porque há sempre um barulho danado que está acontecendo no corredor. Eu trabalho com 8º e 9º anos, então você imagina que o aluno vai chegar com uma bagagem anterior. Ele não chega! Isso dificulta bastante. (David).

David relatou que investia na qualidade de suas aulas, apesar dos problemas encontrados no ambiente escolar e da desmotivação para o trabalho: “Eu estou sempre dedicando, apesar de que desmotivado pela escola. Eu estou sempre estudando para tentar inovar as aulas, para tentar trazer o interesse do aluno.” Para David, a estabilidade empregatícia era o principal fator para sua permanência na profissão docente. “Hoje, o que está me mantendo mais é só essa questão da efetivação.” Por outro lado, David expressou que o desejo de realização profissional impulsionava sua carreira docente.

Eu não tenho vontade de abandonar, apesar de que, às vezes, eu fico muito revoltado e falo que vou abandonar, mas acho que não consigo. Eu ainda tenho a ilusão de que vou conseguir fazer um trabalho diferente (*manifestação de identidade discursiva*). (David).

Lílian relatou que os exemplos deixados pelos professores que fizeram parte de sua vida escolar foram referências para a sua atividade profissional. Ela manifestou sua identidade discursiva em relação à sala de aula e ao modo como interagiu com os alunos, dizendo que buscava a integração dos conteúdos à formação humana: “O conteúdo não é o mais importante, é o valor de cada ser humano.” Lílian contou que a principal dificuldade que encontrava na profissão era a ausência de participação da família na educação dos filhos. Ela também expressou descontentamento com a questão salarial na docência. Declarou que sua escolha profissional não correspondia aos seus anseios e que, talvez, a engenharia fosse a melhor opção na época em que ingressou na faculdade. Lílian já estava no final da carreira docente e a motivação encontrada para o trabalho estava no prazer de exercer a docência. Expressou, por diversas



vezes, que tem boas condições financeiras e, portanto, o que a mantinha em uma profissão com baixos salários, era nada mais que a relação construída com a docência, mostrando a forte influência de sua identidade institucional na permanência na docência. “Ah! É gostar muito. É achar que eu vou mudar o mundo, porque por dinheiro não é.”

Wagner revelou que a forma de organização do sistema educacional, que impedia a reprovação dos alunos, não condizia com o que ele acreditava ser o papel do professor, o que mostra um conflito entre suas identidades institucional e discursiva. Para ele, aceitar as regras institucionais do sistema educacional era não ser professor.

Ser professor é você poder ensinar, cobrar dos alunos e poder reprovar aquele aluno que não aprendeu. Agora eu posso chegar aqui e, por qualquer coisa, ele aprendendo ou não eu vou aprovar ele. Assim não posso ser professor! (Wagner).

Wagner apontou como dificuldade no trabalho docente “a dificuldade do aluno, mesmo com o básico. Talvez a falta de acompanhamento dos pais. Seria, talvez, essa a pior.” Na relação com os alunos, Wagner priorizava um tratamento sério e, por vezes, revelou que tinha atitudes grosseiras em sala de aula. No depoimento seguinte, Wagner manifesta sua identidade discursiva. “Eu sou muito sério com os alunos. Eu sou até grosso, de vez em quando, com os alunos. Rigoroso demais! Eu cobro muito. Eu acho que não é nem por ser professor de Matemática. Eles sabem que sou assim!” A obtenção de novo título para o Curso de Engenharia Mecânica direcionava o projeto de futuro de Wagner. Ele garantiu que, com o ingresso no curso e a realização de um estágio remunerado, abandonaria o magistério. Wagner não se identificava com a identidade institucional de docente antes de ingressar no Curso de Licenciatura em Matemática. A docência foi, para ele, uma causalidade e a permanência no magistério, uma maneira de se manter financeiramente: “O que me man-



tém mesmo é a questão financeira. Eu estou esperando iniciar outro curso e conseguir um estágio.”

Sintetizando, no que se refere à permanência na docência, produziram-se evidências da predominância da identidade institucional como principal fator que mantinha o grupo de professores em questão na profissão. Em outras palavras, tal tipo de identidade mostrou ser o principal motivo da permanência na docência, ainda que sustentada de diferentes maneiras: por vocação (Nair e Michele), pela dificuldade de idealizar novas perspectivas profissionais (Augusta e Paula), por conquistar uma posição profissional (Ana, Laura, Augusta, Paula e Lílian), por garantia de estabilidade empregatícia (David) e por uma atividade rentável (Wagner). Contudo, a sustentação dessa identidade na permanência da docência revelou-se, na maioria dos casos, sofrida em função de uma forte tensão entre as identidades institucional e identidade discursiva desse grupo de professores. De fato, vimos que o trabalho idealizado pela maioria dos professores não era desenvolvido, pois as regras institucionais inviabilizavam a prática profissional, no sentido de serem contraditórias ao papel do professor.

A manifestação de identidades no abandono da docência

O grupo de professores que abandonaram a docência era constituído por 11 sujeitos, sendo sete do sexo feminino. Todos eles fizeram o Curso de Licenciatura em Matemática. Dentre os 11 ex-professores, cinco cursaram a especialização *Lato Sensu* em áreas relacionadas ao ensino de Matemática e um fez o Mestrado em Modelagem Matemática. E ainda, havia aqueles que faziam outros cursos de graduação: dois em Direito e um em Engenharia Elétrica.

Evandro, Alana, Marta, Odilon e Carla tiveram estabilidade empregatícia na atividade docente e foram efetivados por meio de concurso público. Elisa adquiriu estabilidade na docência por um determinado período.



do, através da Lei Estadual n.100/2007⁵. Marlene, Mário, Mariana, Márcia e Rodrigo trabalharam como professores designados na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. O tempo de experiência profissional desse grupo na docência variou de dois anos até 10 anos de permanência na profissão.

Antes de abandonarem a docência, esses ex-professores buscaram outras atividades profissionais para lhes garantir estabilidade financeira. A ruptura com a profissão ocorreu após a aprovação em concursos públicos. Somente Marlene e Mário trabalhavam em empresas privadas.

Como no caso dos professores que permaneciam na docência, predominou, para o grupo de ex-professores, a manifestação da identidade institucional na escolha pelo Curso de Licenciatura em Matemática. A maioria deles (Alana, Evandro, Mário, Mariana, Márcia, Rodrigo e Carla) escolheu a docência por conveniência ou pelas circunstâncias a que estavam submetidos em determinada época de suas vidas. Somente Marlene, Marta, Elisa e Odilon manifestaram o desejo de construir uma identidade institucional como professores de Matemática por vocação.

A realidade de trabalho que Marlene encontrou no contexto escolar era diferente do que ela idealizava para a sua atividade profissional. Ela tinha um sentimento de abandono no trabalho, que explicou da seguinte maneira: “O aluno não quer nada e você pega uma direção que não quer nada. Você pega um colega seu de profissão que não quer nada. Então você se sente realmente abandonado dentro da própria escola.”

Marlene passou por conflitos entre suas identidades institucional e discursiva acerca das condições institucionais a que estava submetida, sobre como acreditava que deveria desenvolver o seu trabalho e sobre

⁵O governo do estado de Minas Gerais promulgou uma lei estabelecendo a efetivação de professores sem concurso público (Lei n.100/2007). Entretanto, no ano de 2014 essa Lei foi declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal.



como achava que era reconhecida por outros. Vejamos o depoimento: “Falta compromisso da direção da escola. Depois os colegas de profissão também, porque o professor bom é aquele que não dá nada. Se você entra numa sala de aula disposta a ensinar e a cobrar, você é ruim.”

As dificuldades que Marlene enfrentava em sala de aula impactaram sua saúde. “Eu saía da sala com a sensação de que eu tinha apanhado, o corpo pesado, a sensação era de luta; é você contra quarenta, cinquenta. Eu já enfrentei situações de um estresse muito grande, de chorar na sala de aula.” Os depoimentos de Marlene mostram que o exercício da docência estava comprometendo sua saúde, não somente em termos físicos, mas também lhe causando sofrimento psíquico. Diante desses problemas, Marlene decidiu abandonar a profissão definitivamente, rompendo a construção de uma identidade institucional que estava em desenvolvimento.

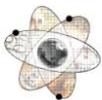
Os conflitos entre as identidades institucional e discursiva de Evandro também mostraram ser o principal motivo que o levou ao abandono da profissão docente. O período em que Evandro exerceu a docência foi marcado por tensões com as instituições. “A minha maior dificuldade mesmo é com relação à escola. Eles querem intrometer na maneira da gente dar aula e eles não têm conhecimento do que é matemática.” Evandro também sentia-se muito incomodado com as constantes reclamações de seus colegas de trabalho em relação à profissão. “Você entrar num lugar para trabalhar e todo mundo só reclamando, aquilo te chateia muito.” Em relação aos alunos, Evandro ressaltou que eles não tinham suporte institucional para acompanharem suas aulas e, portanto, eram desinteressados. A questão salarial também contribuiu para que Evandro tomasse a decisão de abandonar a profissão docente. “A questão salarial é muito forte, porque você é praticamente um miserável dentro de sala” (manifestação de identidade discursiva). Evandro ainda declarou que assumiu a construção de uma identidade institucional de professor de Ma-



temática devido às circunstâncias da vida. “Eu não queria dar aulas no Estado. Eu fui levado a isso por questões financeiras.”

Com o passar dos anos, os conflitos entre as identidades institucional e discursiva de Alana foram enfraquecendo sua vontade de permanecer na docência. Várias foram as causas desse desgaste. Uma delas refletia sua contrariedade em relação à organização do sistema educacional. “Quando o governo impõe um sistema, você vai ter que aprovar os seus alunos, querendo, ou não.” Outra se referia ao desinteresse do aluno e à ausência de acompanhamento dos pais na educação dos filhos. “Um fator que me desestimulou foi o desinteresse do aluno, por ele saber que vai ser promovido, e o próprio pai, de não achar que aquilo ali é importante, de querer só que o filho dele seja promovido.” Para Alana, outra causa de desapontamento com a docência estava relacionada com a impossibilidade de promoção profissional. “Vai te dando uma frustração de você não ter para onde ir mais.” Todos esses problemas, associados à questão salarial, contribuíram para que Alana estabelecesse novos planos profissionais. Ela só abandonou a docência quando conseguiu se estabilizar financeiramente em outro cargo público. Para Alana, a decisão de abandonar a docência não foi fácil. “Deu aquele friozinho no coração, de ter que exonerar, porque, afinal, você tem dez anos que tá dando aula! Eu falo que eu nasci para dar aula. Tudo isso vai desgastando quando você não tem retorno.” Alana não conseguiu manter os vínculos com a profissão docente, pois, para a manutenção de tais vínculos, ela necessitava de um *retorno* da escola e da sociedade.

Apesar dos problemas encontrados na profissão, Marta gostava de ser professora e conseguia ter reações positivas em relação à profissão docente. “A gente não tinha condições de trabalho quase nenhuma. Eu gostei de dar aula, apesar de tudo.” A identidade discursiva que Marta construiu em relação aos alunos era, segundo ela, gratificante. “Eles tinham carinho com a gente. A gente tinha alguns alunos que ainda davam aquela coisa boa da gente ir dar aula.” Contudo, as péssimas condições



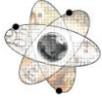
de trabalho e a desvalorização profissional associada aos baixos salários, não lhe permitiram sustentar sua posição profissional como professora.

Eu já comecei a ficar muito desanimada por causa das condições da escola e do salário. Eu comecei a ver que ao invés de achar que ia melhorar, eu comecei a pensar que o negócio ia ficar pior do que já estava. Eu estava completamente desiludida. (Marta).

Além disso, Marta revelou que o desinteresse dos alunos dificultava o desenvolvimento de seu trabalho. O excesso de aulas que dava, “de manhã, de tarde e, às vezes, à noite”, levou Marta ao desgaste e a ter problemas com sua voz: “eu já estava ficando desgastada e começando a ter problemas nas cordas vocais. Tive fendas nas cordas vocais.” Sua identidade institucional como professora sustentou sua permanência na docência, até que conseguiu arrumar outro emprego. Ela disse que, enquanto dava aulas, “precisava e não podia largar, porque era o (seu) único salário.” Marta revelou que se voltasse a lecionar seria apenas pelo prazer que sentia pela docência. “Hoje eu acho que se eu fosse dar aula, eu não daria aula, porque eu preciso viver. Hoje eu tenho um outro emprego, então ia ficar na escola, mesmo com toda precariedade, porque às vezes eu ia até ter condições de fazer alguma coisa.”

O abandono da docência, por parte de Mário, ocorreu exclusivamente em função dos baixos salários na profissão, uma vez que era professor contratado. “Salário. Literalmente salário. Eu não era efetivo e aí eu podia pegar aula ou não.” Mário expressou que gostava de lecionar, mas não tinha como permanecer na profissão. “Infelizmente o salário não dá! (...), mas eu gosto muito de sala de aula.”

Elisa não conseguia lidar com o desinteresse dos alunos. “Eu gosto muito de matemática e eu gosto de ensinar, mas a falta de interesse do aluno te desmotiva.” Outro problema que desestabilizava sua identidade discursiva era a indisciplina em sala de aula: “Na época em que a gente



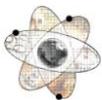
estuda, a gente se forma com a ilusão que vai ser como era na nossa época, e os meninos de hoje são muito mais difíceis.” Adaptar-se a essa situação era inconcebível para Elisa. Ela manifestou aspectos de sua identidade discursiva ao relatar variadas atitudes que tomava, na tentativa de minimizar os problemas relacionados à indisciplina. “Eu tentava ser muito brava com os alunos, para ver se dava certo e não dava! Tentava ser carinhosa e aí abusava da gente.” Diante dessa situação, Elisa disse que já não mais encontrava motivação para o trabalho. “Aí eu falei assim: eu não quero mais! Isso não é para mim”, e começou a ter problemas emocionais. “Eu chorava, ficava nervosa.” Para Elisa, o rompimento com a docência causou-lhe sofrimento. Ela não encontrou sustentação para manter sua identidade institucional. “Eu fiquei muito na dúvida, eu sofri muito, porque eu estudei tanto, dediquei tanto para abandonar.”

Mariana contou que se dedicava à preparação de aulas e tentava desempenhar um bom trabalho. Ela manifestou sua identidade discursiva, revelando como se reconhecia em sua prática e como acreditava que era reconhecida pelos pares, da seguinte maneira:

Eu planejava minhas aulas. Você prepara, aí começa aquele questionamento: ah! Você é uma professora conteudista! Parte dos próprios colegas! Aí eu falava: mas, qual é o principal foco que a gente tem nesses meninos? (Mariana).

O principal motivo que levou Mariana a romper com a profissão docente foi a ausência de reconhecimento profissional de parte da comunidade escolar.

Você trabalha e não tem retorno de nada! Os meninos não te dão retorno. E, muitas vezes, eu peguei escola que nem a própria direção, a própria pedagoga não te dá. Eu já estava começando a ficar desgostosa com a profissão. (Mariana).



Mariana não conseguiu encontrar sustentação para manter sua identidade institucional, devido à desestabilização de sua identidade discursiva e, conseqüentemente, abandonou a docência.

Márcia mencionou que a maior dificuldade que encontrou na profissão docente foi a falta de comprometimento do governo e dos colegas de trabalho com a Educação. A esse respeito, ela deu o seguinte depoimento:

A maior dificuldade são os recursos humanos. Faltam pessoas assim, responsáveis pelas escolas, que gostam de cooperar e trabalhar para uma melhor organização. Eu acho que falta organização, faltam pessoas qualificadas para a realização de um trabalho bom na escola. As pessoas veem o magistério como um bico. Vou lá dar uma aulinha e vou garantir meu salário do mês. (Márcia)

Apesar dessa dificuldade, Márcia tentou realizar o seu trabalho da melhor maneira possível, independentemente da questão salarial. “O salário está baixo, realmente está, mas se eu decidi fazer isso aqui, eu vou fazer da melhor maneira possível. Agora, falar que o salário está baixo e entrar para a sala e fingir que dá aula, isso é hipocrisia.” Márcia também apontou o desinteresse dos alunos e a falta de apoio dos pais na educação dos filhos como fatores que geravam desmotivação para o trabalho. “Os alunos estão cada vez mais difíceis, as mães mandando os filhos para a escola achando que a gente tem que ser mãe deles, e não elas. Isso estava me cansando.” Márcia permaneceu na docência enquanto não tinha opção por outra atividade profissional. “Eu ficava na escola por falta de opção de fazer outra coisa.” Apesar disso, declarou que “tentava fazer um bom trabalho.” A situação de dependência financeira, relatada por Márcia em relação à docência, retardou seu abandono da profissão.

Odilon revelou que gostava de exercer a atividade docente. “Lecionar! Nessa atividade você aprende, você ensina, você faz amizade. É mui-



to bom andar pelas ruas e encontrar um ex-aluno que tomou rumo na vida. É como se você fizesse parte disso.” Apesar de gostar da profissão, Odilon declarou que sua vida familiar, naquela ocasião, não lhe permitia sustentar uma identidade institucional de professor.

A justificativa para permanecer na docência, antes de casar, foi o gosto pela profissão. Após o matrimônio, esse gosto foi superado pela necessidade de recursos financeiros. Casei e tive dois filhos. Não dava para continuar com o salário de professor. Pressões familiares e sociais: ser homem e ganhar menos do que a esposa. Não é uma atitude machista, mas tratam-se de cobranças sociais. (Odilon).

Embora a questão salarial tenha contribuído decisivamente para que Odilon abandonasse a profissão docente, sua identidade discursiva encontrava problemas na prática. “Infelizmente a maior dificuldade encontrada na prática do magistério era domesticar os alunos, a ponto de deixá-los em condições de aprender, principalmente os alunos do ensino fundamental.” Odilon também identificou as relações com pedagogos na escola como motivo de insatisfação no trabalho. “O que mais me desapontava, além dos vencimentos, era escutar, nas reuniões pedagógicas, os pedagogos falarem tanta retórica rasa que, na prática, em nada contribuía.” Ele também relatou que teve problemas de saúde na voz, em consequência do seu desgaste com o trabalho. “Eu já estava sentindo problemas na voz. A fonoaudióloga não dava mais cinco anos de profissão se eu não reeducasse o uso da voz.” Além disso, Odilon lamentou “a falta de gratidão por parte da sociedade e a falta de dinheiro.”

Rodrigo desejou abandonar a profissão desde que ingressou na docência. “Eu queria largar a sala de aula. Desde o primeiro dia, eu vi que não era para mim.” No entanto, por questões financeiras, se manteve na profissão. “Só mantive mais por causa do retorno financeiro. Eu não tinha outra fonte de renda.” Rodrigo revelou que, ao ingressar na docência, teve dificuldade em direcionar sua identidade discursiva e não encontrou



suporte institucional para tal. “Tentava ensinar e não tinha domínio de turma, e nem respaldo da direção da escola, porque antigamente quando você não aguentava o aluno, mandava ele para direção.” Rodrigo relacionou suas dificuldades na prática de sala de aula com seu processo de formação no Curso de Licenciatura em Matemática:

Formam a gente e não tem nada a ver com a prática. (...) Você não precisa só de conhecimento, você precisa de domínio de turma, preparo para trabalhar com o povo, esse tipo de coisa. Conhecimento teórico é o que você menos precisa. (Rodrigo).

O período em que Rodrigo permaneceu na docência gerou impactos na sua saúde. “Eu ficava muito estressado e nervoso. Eu ficava muito nervoso com o pessoal ao meu redor: amigos e família. Eu tentava controlar! Eu sentia problema na voz.” Rodrigo mencionou que sua decisão de abandonar a docência somente se efetivou ao ser aprovado em um concurso público. Antes ele não tinha como romper com a docência, já que dependia financeiramente da profissão para se manter.

Para Carla, o desprestígio social e a desvalorização de sua identidade institucional de professora foram os principais motivos para a sua decisão de abandonar a docência. “Todo lugar que a gente chega e fala que é professora, o pessoal vira e fala assim: coitada! É uma profissão que infelizmente não é valorizada.” Carla lamentou também a atitude descompromissada dos alunos e “o desrespeito dos pais.” Devido ao desgaste profissional em sala de aula, Carla teve problemas nas cordas vocais: “Eu tive que fazer cirurgia nas cordas vocais.” Mesmo diante dos problemas e insatisfações, Carla “gostava muito dos alunos.” Ela manifestou um aspecto de sua identidade discursiva em sala de aula, ao dizer: “Eu conseguia manter a disciplina! Os meninos aprendiam.” Carla procurou outra atividade profissional e abandonou a docência, pois entendia que, como professora, não teria chances de crescimento profissional.



Como eu consegui, eu passei no concurso do banco, aí eu falei assim: pelo menos lá eu vou ter alguma chance de crescer na minha profissão. E também como eu trabalhava seis horas, eu poderia voltar a estudar. Queria ter a chance de crescer também, coisa que como professora eu não ia ter. (Carla).

No grupo dos ex-professores participantes desta pesquisa, produziram-se evidências de que os principais motivos que os levaram a abandonar a docência foram os conflitos vivenciados entre suas identidades institucional (incluindo a questão salarial) e discursiva. Em outras palavras, as condições de trabalho que sustentavam as identidades institucionais desses ex-professores mostraram-se conflituosas com a prática profissional que eles gostariam de/ou acreditavam que deveriam exercer. Além disso, problemas de saúde com a voz (Marta, Odilon, Rodrigo e Carla) e transtornos emocionais, tais como queixas de cansaço e de nervosismo (Marlene, Elisa e Rodrigo), foram identificados como fatores que, somados aos conflitos aludidos, contribuíram para o abandono da docência.

Toda essa situação acabou por influenciar a imagem que os professores almejavam construir de si mesmos como profissionais e os levou ao abandono da docência.

Considerações finais

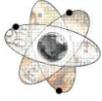
Os resultados de pesquisa apontam para a predominância da identidade institucional como forte influência para a permanência na docência. Os motivos que levaram o grupo de professores em questão a sustentarem suas identidades institucionais, permanecendo na profissão docente, foram: vocação profissional, dificuldade de idealizar novas perspectivas profissionais, conquistar uma posição profissional, garantia de estabilidade empregatícia e ter uma atividade rentável. Entretanto, para a maioria desses professores, a sustentação da identidade institucional foi



relatada como um processo árduo, pois a realidade encontrada no contexto educacional não era compatível com a realidade idealizada, gerando conflitos entre as identidades institucional e discursiva. Tais conflitos conduziam alguns à incerteza entre a permanência ou o abandono da profissão docente.

Assim como no grupo de professores que permaneciam na docência, no grupo de ex-professores, a manifestação da identidade institucional na escolha pela docência foi predominante. Para a maior parte desse grupo, também foram as circunstâncias de sua vida que os direcionaram para a profissão docente. Entre os 11 ex-professores pesquisados, apenas 4 construíram uma identidade institucional como professores de Matemática por vocação. A maneira como os ex-professores concebiam a docência era confrontada com as condições de trabalho, que os impedia de realizar aquilo que acreditavam ser o papel do professor, gerando conflitos entre as identidades institucional e discursiva. Tais conflitos (incluindo a questão salarial) influenciaram esses ex-professores a tomarem a decisão de abandonar a profissão docente. Além disso, as narrativas dos ex-professores expressaram a manifestação de tensões discursivas (de desempenho, conduta) entre os ex-professores e os alunos: desinteresse dos alunos; entre os ex-professores e pais de alunos: ausência de participação dos pais na Educação dos filhos; entre os ex-professores e colegas: falta de comprometimento profissional de diretores e demais professores. Tal situação, associada à falta de expectativa em relação ao crescimento profissional, colaborava para o enfraquecimento da qualidade das relações interpessoais. O abandono da docência representou, entre os ex-professores, a busca por realização profissional.

O desprestígio e a desvalorização profissional, em combinação com os problemas que afligiam a docência, geravam conflitos entre as identidades institucional e discursiva, tanto no grupo de professores que permaneciam na docência, quanto no grupo de ex-professores. O reconhecimento profissional e a valorização do trabalho eram essenciais para esta-



belecer vínculos com a docência, impedindo o abandono da profissão. Não se tratava apenas do reconhecimento da escola e dos alunos, como alguns ex-professores expressaram por meio da manifestação de suas identidades discursivas. Mais do que isso, era necessário o reconhecimento social e das autoridades governamentais na formulação de políticas públicas que valorizem o trabalho do professor (questão salarial, condições de trabalho, organização do sistema educacional).

Ao interpretar o fenômeno da permanência e do abandono da profissão docente em termos da perspectiva de Gee (2000), vimos como as identidades dos sujeitos de pesquisa se manifestavam em relação a dois *subcontextos* particulares do trabalho docente: o institucional, ditado pelas forças da instituição à qual pertenciam, e o discursivo, referente a como os sujeitos se reconheciam e/ou acreditavam serem reconhecidos em seus ambientes de trabalho, bem como interagem com outros (alunos, pais, pares) em suas práticas. Tal perspectiva possibilitou uma interpretação dos dados em função não somente dos desejos, escolhas e julgamentos pessoais, mas, sim, das contingências e circunstâncias a que os participantes da pesquisa estavam sujeitos em certos momentos de sua vida, conforme sugerido por Frade e Meira (2010).

A partir do estudo realizado, reconhecemos que a identidade docente é sempre reconstruída em um contexto histórico e social que transforma constantemente as ações do professor no seu ambiente de trabalho e na prática profissional do professor de Matemática. A participação do professor não é levada em conta pelas autoridades governamentais na estruturação do processo educacional. A margem de participação docente é limitada e, até certo ponto, desconsiderada. O professor é submetido a relações de poder que interferem diretamente na forma como ele desenvolve seu trabalho. O controle externo é que determina os objetivos do trabalho docente e, até mesmo, a metodologia do seu trabalho. Tudo isso pode interferir na prática profissional do professor, gerando conflitos en-



tre identidades institucional e discursiva que poderão conduzir ao abandono da profissão docente.

Na análise apresentada, com exceção de uma professora que permanecia na docência, não foram identificadas manifestações das identidades natural e de afinidade. Isso não quer dizer que os sujeitos de pesquisas não as tivessem. Acreditamos que essas identidades não se manifestaram porque não se configuraram em fatores para explicar a permanência e/ou o abandono da docência por parte desses sujeitos.

Referências

BROWN, T., MCNAMARA, O. **Becoming a Mathematics Teacher: Identity and Identifications**. London: Springer, 2011.

FIORENTINI. A Pesquisa e as práticas de formação de professores de Matemática em face das políticas públicas no Brasil. **Bolema**, Rio Claro, v. 21, n.29, p. 43-70, 2008.

FRADE, C.; MEIRA, L. The Social Nature of Affective Behaviors and the Constitution of Identity. In: PINTO, M.; KAWASAKI, T. (Eds). **Proceedings of the 34th Conference of the International Group for the Psychology of Mathematics Education**. Belo Horizonte: PME, 2010. v. 1. p. 262-266.

GEE, J. P. Identity as an Analytic Lens for Research in Education. **Review of Research in Education**, v. 25, p. 99-125, 2000.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **A aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.



LERMAN, S. Agency and identity: Mathematics teachers' stories of overcoming disadvantage. In: T.Y. Tso (Ed.). **Proceedings of the 36th International Conference of the International Group for the Psychology of Mathematics Education**, Taipei, Taiwan: PME, 2012. v.3. p. 99-106

PONTE, J. P. Perspectivas de desenvolvimento profissional de professores de Matemática. In: PONTE, J. P.; MONTEIRO, C.; MAIA, M.; SERRAZINA, L.; LOUREIRO, C. (Eds.), **Desenvolvimento profissional de professores de Matemática: Que formação?** Lisboa: SEM-SPCE, 1995. p.193-211.

WALSHAW, M. Pre-service mathematics teaching in the context of schools: An exploration into the constitution of identity. **Journal of Mathematics Teacher Education**, v. 7, n. 1, p. 63-86, 2004.

Artigo recebido em: 3 out. 2019

Aprovado em: 10 nov. 2019